

POST

POST MILLENNIUM —
CRITICAL ESSAYS
ON CONTEMPORARY
TENSIONS

#01

MILLENNIUM

TENSION

PESSIMISM OF THE INTELLECT,
OPTIMISM OF THE WILL
OPTIMISM & FORESIGHT

POST MILLENNIUM
— CRITICAL ESSAYS
ON CONTEMPORARY
TENSIONS

#1

PESSIMISM OF THE INTELLECT,
OPTIMISM OF THE WILL
— OPTIMISM & FORESIGHT

SETEMBRO/
SEPTEMBER 2019

01. PRÁTICAS DA CONVERSAÇÃO COLETIVA
PRACTICES OF COLLECTIVE CONVERSATION
MARTINA DANDOLO P. 04
02. *EDITORIAL*
JOSÉ BÁRTOLO P. 07
03. LUTAS (DE ARTE) DE PROPAGANDA
PROPAGANDA (ART) STRUGGLE
JONAS STAAL P. 13
04. *BLUR*
LARA JACINTO P. 25
05. O OTIMISMO DA VONTADE: RELATOS DA RESISTÊNCIA
OPTIMISM OF THE WILL: REPORTS ON RESISTANCE
GREG SHOLETTE P. 37
06. ENTREVISTA A ANDRÉ BARATA
AN INTERVIEW WITH ANDRÉ BARATA P. 49



03. LUTAS (DE ARTE) DE PROPAGANDA

PROPAGANDA (ART) STRUGGLE

JONAS STAAL

13

#01 Pessimism of the intellect, optimism of the will
Optimism & Foresight

Jonas Staal é um artista visual cujo trabalho aborda a relação entre arte, propaganda e democracia. É fundador da organização artística e política New World Summit (a decorrer desde 2012) e da campanha New Unions (a decorrer desde 2016). Fundou com BAK, basis voor actuele kunst, de Utreque, a New World Academy (2013-16) e, com Florian Malzacher, é atualmente diretor do campo de treino utópico Training Camp for the Future (a decorrer desde 2018) na Ruhrtriennale, na Alemanha. Projetos expositivos recentes incluem *Art of the Stateless State* (Moderna Galerija, Ljubljana, 2015), *After Europe* (State of Concept, Athens, 2016), *Museum as Parliament* (com a Federação Democrática do Norte da Síria, Van Abbemuseum, Eindhoven, 2018) e *The Scottish-European Parliament* (CCA, Glasgow, 2018). Os seus projetos têm sido amplamente expostos, como por exemplo na 7.ª Bienal de Berlim (2012), na 31.ª Bienal de São Paulo (2014), na Trienal de Arquitetura de Oslo (2016) e na Bienal de Göteborg (2017). Publicações e catálogos recentes incluem *Nosso Lar, Brasília* (Jap Sam Books, 2014), *Stateless Democracy* (com a coedição de Dilar Dirik e Renée In Der Maur, BAK, 2015) e *Steve Bannon: A Propaganda Retrospective* (Het Nieuwe Instituut, 2018). O seu livro *Propaganda Art in the 21st Century* vai ser publicado pelo MIT Press no Outono de 2019. Staal completou a sua pesquisa de Doutoramento em Arte e Propaganda no programa PhDArts da Universidade de Leiden, na Holanda.

Jonas Staal is a visual artist whose work deals with the relation between art, propaganda, and democracy. He is the founder of the artistic and political organization New World Summit (2012 — ongoing) and the campaign New Unions (2016 — ongoing). With BAK, basis voor actuele kunst, Utrecht, he co-founded the New World Academy (2013-16), and with Florian Malzacher he is currently directing the utopian training camp Training for the Future (2018-ongoing) at the Ruhrtriennale in Germany. Recent exhibition-projects include *Art of the Stateless State* (Moderna Galerija, Ljubljana, 2015), *After Europe* (State of Concept, Athens, 2016), *Museum as Parliament* (with the Democratic Federation of North Syria, Van Abbemuseum, Eindhoven, 2018) and *The Scottish-European Parliament* (CCA, Glasgow, 2018). His projects have been exhibited widely, among others at the 7th Berlin Biennial (2012), the 31st São Paulo Biennial (2014), the Oslo Architecture Triennial (2016) and the Göteborg Biennale (2017). Recent publications and catalogs include *Nosso Lar, Brasília* (Jap Sam Books, 2014), *Stateless Democracy* (With co-editors Dilar Dirik and Renée In der Maur, BAK, 2015) and *Steve Bannon: A Propaganda Retrospective* (Het Nieuwe Instituut, 2018). His book *Propaganda Art in the 21st Century* is forthcoming from the MIT Press in the fall of 2019. Staal completed his PhD research on propaganda art at the PhDArts program of Leiden University, the Netherlands.



1



2

1. Estudo digital com imagens de *Generation Zero* de Steve Bannon (2010). *Steve Bannon: A Propaganda Retrospective, Study*, 2018. Imagem: Jonas Staal e Remco van Bladel. Produzido por Het Nieuwe Instituut, Roterdão.

2. Vista da instalação *Steve Bannon: A Propaganda Retrospective*, 2018. Cópias gratuitas do livro *Rules for Radicals* de Saul Alinsky (1971) foram oferecidas aos visitantes. Foto: Nieuwe Beelden Makers.

1. Digital study with stills from Bannon's *Generation Zero* (2010). *Steve Bannon: A Propaganda Retrospective, Study* (2018). Image: Jonas Staal and Remco van Bladel. Produced by Het Nieuwe Instituut, Rotterdam.

2. Installation view of *Steve Bannon: A Propaganda Retrospective* (2018). Free copies of Saul Alinsky's *Rules for Radicals* (1971) were gifted to visitors. Photo: Nieuwe Beelden Makers.

Esta dimensão narrativa da propaganda, ainda que obscena, não pode ser subestimada, pois mobiliza um imaginário coletivo que legitima a construção de uma nova realidade. Esse poder narrativo e imaginativo da arte é diretamente visível no domínio do cinema.

2. O Tempo Cíclico Segundo Bannon

O próprio Steve Bannon é um exemplo não só de um propagandista, mas também de um artista de propaganda.⁵ Tem dedicado o seu trabalho ao desenvolvimento das infraestruturas do Internacional Nacionalismo — das quais “O Movimento” é o exemplo mais recente — e das narrativas que fornecem propósito e unidade às alianças de uma Extrema-direita em crescimento.⁶

O trabalho de Bannon no início dos anos 90 para o banco Goldman Sachs foi fundamental para a sua atividade de propagandista, na medida em que foi aí que teve acesso a ferramentas que lhe permitiram desenvolver investimentos capitalistas políticos e empresariais. O seu papel como presidente do projeto Biosfera 2 no Arizona, entre 1993 a 1995, demonstrou a sua obsessão por tecnologias de sistemas fechados.⁷ A maior ecosfera alguma vez construída na terra, a Biosfera 2, tinha como vocação original explorar a viabilidade de uma colonização interplanetária, mas, sob a liderança de Bannon, tornou-se num enorme laboratório para estudar os impactos das alterações climáticas (contrastando com o seu papel mais tarde decisivo em convencer o Presidente Trump a retirar-se do Acordo de Paris). Em 2007, com o financiamento da família ultraconservadora Mercer, Bannon cofundou a *Breitbart News* — a autodeclarada casa da Extrema-direita — e ajudou a organizar o movimento Tea Party anti-Obama. Ao longo do tempo, Bannon tem sido um instrumento na construção, passo a passo, de uma biosfera em expansão para a Extrema-direita, com as suas próprias asas políticas, financeiras e meios de comunicação — a sua própria infraestrutura.

Um aspeto menos discutido, ainda que crucial, da obra de Bannon é o seu trabalho como cineasta de propaganda — como instigador de narrativas destinadas a unir a Direita.

Entre 2004 e 2018, realizou dez filmes documentais que podem ser descritos como precursores culturais e ideológicos para o que mais tarde virá a ser chamado de “Trumpismo”. Logo no seu primeiro filme paleoconservador, *In the Face of Evil: Reagan's War in Word and Deed* (2004), está patente a obsessão de Bannon por uma forte liderança nacionalista. Nesse filme, Reagan é retratado como o único defensor de uma nação cristã envolvida num combate até a morte contra o mal comunista.⁸ Bannon denuncia os “apaziguadores” — diplomatas e membros dos movimentos pela paz — que se esforçaram por um acordo de resolução para a Guerra Fria. O filme termina com imagens dos ataques às Torres Gémeas; emergindo da poeira e do fumo, a figura de Osama Bin Laden aparece. O primeiro filme de Bannon é não só um apelo à necessidade de uma figura ao estilo de um Reagan do século XXI e que lute contra o “terrorismo islâmico” com a mesma convicção; o filme também apresenta a filosofia de Bannon sobre o retorno cíclico do mal.

Para Bannon, o comunismo, o nazismo e o terrorismo islâmico são reencarnações sucessivas do que ele designa de “A Besta”. Inspirado pelos escritos inferiores de William Strauss e Neil Howe, especialmente o livro *The Fourth Turning* (1997), Bannon acredita que o tempo se desenrola ciclicamente através de quatro ciclos e que a cada quarta geração — cada quarta viragem ou ciclo — deve ser travada uma guerra civilizacional épica contra o mal.⁹ Esta guerra cíclica fornece a justificação para o renascimento periódico da doutrina ideológica de base professada por Bannon e que pode ser resumida como um “nacionalismo económico cristão branco”.

This narrative dimension of propaganda, however obscene, cannot be underestimated, as it mobilizes a collective imagination that legitimizes the construction of a new reality. This narrative and imaginative power of art are directly visible in the domain of film.

2. Bannon's Cyclical Time

Steve Bannon himself is an example not only of a propagandist, but also a propaganda artist.⁵ His work has focused on developing both the infrastructures of the Nationalist International — of which The Movement is the most recent example — and the narratives that provide purpose and unity to a growing alt-right alliance.⁶

Bannon's work in the early nineties for Goldman Sachs was foundational for his organizational work as a propagandist, as it provided him with the tools to develop various venture-capitalist and political enterprises. His role as the CEO of the Biosphere 2 project in Arizona from 1993 to 1995 revealed his obsession with closed-system technologies.⁷ The largest ecosphere ever built on earth, Biosphere 2's original remit was to explore the possibilities for interplanetary colonization, but under Bannon's leadership it became a massive laboratory for researching the impacts of climate change (in sharp contrast to his later decisive role in convincing President Trump to pull out of the Paris Climate Agreement). In 2007, with funding from the ultraconservative Mercer family, Bannon cofounded Breitbart News — the self-declared “home of the alt-right” — and helped organize the anti-Obama Tea Party movement. Over time he has been instrumental in constructing, step by step, an expanding biosphere of the alt-right, with its own political, financial, and media wings — its own infrastructure.

A less discussed, albeit crucial, aspect of Bannon's oeuvre is his work as a propaganda filmmaker — as an instigator of narratives intended to unite the right.

Between 2004 and 2018 he made ten documentary-style films that can be described as cultural and ideological precursors to what would later be called “Trumpism.” Already in his first paleoconservative film, *In the Face of Evil: Reagan's War in Word and Deed* (2004), Bannon's obsession with strong national leadership is on display. Here, Reagan is portrayed as the sole defender of a Christian nation engaged in a battle to the death with communist evil.⁸ Bannon denounces the “appeasers” — diplomats and members of the peace movement — who strive for a negotiated resolution to the Cold War. The film ends with images of the attacks on the Twin Towers; out of the rising dust and smoke, the figure of Osama Bin Laden appears. Not only is Bannon's first film a plea for a twenty-first-century Reagan-like figure to emerge and fight “Islamic Terrorism” with similar conviction; it also lays out his philosophy of the cyclical return of evil.

For Bannon, communism, Nazism, and Islamic terrorism are all successive reincarnations of what he terms “The Beast.” Inspired by the fringe writings of William Strauss and Neil Howe, especially their book *The Fourth Turning* (1997), Bannon believes that time develops cyclically through four “turnings,” and that every fourth generation — every fourth turning — an epic civilizational war against evil must be waged.⁹ This cyclical war provides the ground for a periodic rebirth of Bannon's core ideological doctrine, which can best be summarized as “white Christian economic nationalism.”

5 Mais informações disponíveis em: Jonas Staal, *Steve Bannon: A Propaganda Retrospective* (Het Nieuwe Instituut, 2018). http://jonasstaal.nl/site/as-sets/files/1850/stevebannon_def.pdf.

6 “O Movimento” faz parte da segunda fase “internacional” do projeto de propaganda política de Bannon. A primeira fase teve início com a construção de uma coligação das Extremas-direitas nos EUA; como David Neiwert escreveu: “a convergência gradual de visões alternativas do mundo propostas por defensores de teorias da conspiração, patriotas conservadores, apologistas da superioridade branca, opositores à imigração e apoiantes do Tea Party aconteceu imediatamente após a eleição do primeiro presidente negro, em 2008. Alimentados pela igualmente forte animosidade contra Obama, a internet e as redes sociais tornaram-se o campo de batalha onde esta “união letal” viria a selar-se finalmente. David Neiwert, *Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump* (Verso, 2017), p. 231.

7 Dez anos mais tarde, Bannon trabalharia noutra versão de biosfera, desta vez na internet. Em 2005, entra para empresa Internet Gaming Entertainment (IGE), sediada em Hong Kong, assumindo o cargo de CEO. Vocacionada para a indústria dos jogos, os serviços da IEG consistem na venda de créditos de jogo ou produtos digitais a jogadores de plataformas *multi-player* globais, como é o caso do muito popular jogo *online* World of Warcraft. Estes produtos digitais, tipicamente ouro ou armas para serem usadas no jogo, eram primeiro conquistados por jogadores chineses que jogavam o jogo ininterruptamente em turnos rotativos e a quem a IGE pagava salários muito baixos. Esses créditos digitais eram depois vendidos pela IGE a jogadores em todo o mundo, que assim ganhavam acesso imediato a essas armas, níveis de jogo, moedas de ouro, etc. Na opinião de Joshua Green, esta passagem pela IGE foi crítica na mobilização *online* da Extrema-direita que Bannon viria a fazer durante a campanha de Trump. Ver: Joshua Green, *Devils Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Storming of the Presidency* (Penguin Press, 2017), pp. 81—83.

8 O filme também dá corpo a esse ideal de Bannon de uma Hollywood de Direita, com Reagan a representar o lado criativo (como ator) e o lado político (como presidente e guerreiro anticomunista).

9 Nas palavras de Strauss e Howe: “As viragens ocorrem em ciclos de quatro. Cada ciclo dura o mesmo que uma vida humana, cerca de 80 a 90 anos, uma unidade de tempo a que os antigos chamavam *saeculum*. Juntos, os quatro ciclos de um *saeculum* contêm os ritmos sazonais de crescimentos, maturação, entropia e destruição.” *The Fourth Turning: An American Prophecy* (Broadway Books, 1997), p. 3.

5 See further: Jonas Staal, *Steve Bannon: A Propaganda Retrospective* (Het Nieuwe Instituut, 2018). http://jonasstaal.nl/site/as-sets/files/1850/stevebannon_def.pdf.

6 The Movement is part of the second, “international” phase of Bannon's propaganda project. The first phase was the building of a powerful alt-right coalition in the United States; as David Neiwert writes, “the gradual coalescence of the alternative-universe worldviews of conspiracists, Patriots, white supremacists, Tea Partiers, and nativists occurred after the election of the first black president, in 2008. Fueled in no small part by racial animus toward Obama, the Internet and social media became the grounds on which this ‘lethal union’ could finally occur.” David Neiwert, *Alt-America: The Rise of the Radical Right in the Age of Trump* (Verso, 2017), 231.

7 Ten years later Bannon would work on another type of biosphere, this time online. In 2005 he became involved in the Hong Kong-based company Internet Gaming Entertainment (IGE), which sold digital assets to players of the massive multiplayer online role-playing game World of Warcraft. These digital goods in the form of gold and weaponry, were obtained by paying Chinese workers extremely low wages to play the game in ongoing rotating shifts. This experience, according to Joshua Green, was critical to Bannon's later online mobilization of the alt-right during the Trump campaign. See Joshua Green, *Devil's Bargain: Steve Bannon, Donald Trump, and the Storming of the Presidency* (Penguin Press, 2017), 81—83.

8 The film also embodies Bannon's ideal of a right-wing Hollywood, with Reagan representing both the creative side (as an actor) and the political side (as president and an anti-communist crusader).

9 In the words of Strauss and Howe: “Turnings come in cycles of four. Each spans the length of a long human life, roughly eighty to a hundred years, a unit of time the ancients called the *saeculum*. Together, the four turnings of the *saeculum* comprise history's seasonal rhythm of growth, maturation, entropy, and destruction.” *The Fourth Turning: An American Prophecy* (Broadway Books, 1997), 3.

04. BLUR

LARA JACINTO

BLUR *

(Este projecto foi desenvolvido no âmbito do projecto *The Thin Line* do COLETIVO — <http://www.colectivophoto.com>)

Blur procura apreender e retransmitir a complexidade da vida quotidiana nos países em redor do Adriático — uma região que, ao longo da história, tem passado por profundas alterações, com um passado de beligerância que engloba as guerras mundiais do século XX e a última guerra a ter lugar na Europa. *Blur* procura mostrar de que forma as constantes alterações de fronteiras as tornam difusas — elas são definidas politicamente, mas nem sempre são reais. Aos olhos daqueles que não pertencem à região e são alheios a esse forte sentido de alteridade que a história recente inculcou nela, é possível ver, em ambos os lados da fronteira, as semelhanças herdadas pelas travessias ao longo dos anos, a miscelânea de destinos de cada povo daquele território. As diferenças são superficiais e artificiais. *Blur* aborda esta identidade partilhada inconscientemente (pelo menos no que toca aos hábitos culturais), a confusão entre fronteiras políticas e semelhanças entre povos e a dificuldade de estabelecer uma identidade que não seja, de certa forma, comum a todos. *Blur* também aborda a incerteza do futuro — entre a tentação de criar fronteiras mais rigorosas, a resistência à diferença, o ênfase dado àquilo que separa os povos e tudo aquilo que contraria o ideal europeu de unidade, agora perdido.

(*) *Blur* é um termo adotado do livro *Design and Crime*, de Hal Foster, que o utiliza para se referir à diluição dos limites — de disciplinas e de correntes — como uma das características fundamentais do início do século XXI.

LARA JACINTO

Lara Jacinto (1982) é fotógrafa *freelance* e vive e trabalha no Porto. Com graduação em Design, estudou fotografia no Instituto Português de Fotografia. Trabalha como fotógrafa independente, focando-se em projetos documentais. Os seus projetos abordam temas contemporâneos, centrando-se frequentemente em questões territoriais e sociais. Os seus trabalhos mais recentes dão visibilidade a questões de fronteiras e emigração. Trabalha regularmente em projetos encomendados por várias instituições públicas e privadas, e também com revistas e publicações como *Público*, *Monocle*, *Zeit* ou *Wall Street Journal*. Em paralelo, está envolvida em projetos coletivos e individuais, como 12.12.12, Troika Project ou *Encyclopedie-des-migrants*. O seu trabalho pessoal é exposto e publicado regularmente. Em 2015, Lara foi uma das fundadoras do COLETIVO, uma plataforma de experimentação e pesquisa dedicada ao documentário.

BLUR *

(This project has been developed under *The Thin Line* project, by Coletivo — <http://www.colectivophoto.com>)

Blur aims to apprehend and relay the complexity of everyday life in the countries surrounding the Adriatic — a region that throughout history has undergone pronounced changes, with a belligerent distant past that encompasses the world wars in the twentieth century and the latest war in Europe. *Blur* seeks to show how repeated changes of borders make them diffuse — they are defined politically, but they are not always real. In the eyes of those who do not belong there and are apart from that sharp sense of the Other rooted in the region by recent history, on both sides of the border one can see the similarities inherited in crossing throughout the years, the mixture of what became of each people in all that territory. The differences become skin-deep and artificial. *Blur* addresses this unconsciously shared identity (at least as far as cultural habits are concern), the confusion between political border and similarities between peoples, and the difficulty of establishing an identity that does not in some way belong to everyone. *Blur* also addresses the uncertainty of the future — amongst the temptation of creating stricter borders, the resistance to difference, the emphasis on what separates people, and what works against a European ideal of unity that is now lost.

(*) *Blur* is a term adapted from the book *Design and Crime* (p. 17) by Hal Foster, who uses it to address the dilution of limits — of disciplines and currents — as one of the fundamental characteristics of the beginning of 21st century.

LARA JACINTO

Lara Jacinto (1982) is a freelance photographer who lives and works in Porto. Graduated in Design, she studied photography at Portuguese Institute of Photography. She works as an independent photographer, focused in documentary projects. Her projects address contemporary subjects, often focusing on social and territorial matters. Her latest works expose issues such as borders and emigration. She regularly working on a commissioned projects for various public and private institutions, magazines and publications, such as *Público*, *Monocle*, *Zeit*, *Wall Street Journal*. At the same time she is also involved in individual and collective projects, such as 12.12.12, the Troika Project, or *Encyclopedie-des-migrants*. Her personal work is regularly exhibited and published. In 2015 Lara co-founded COLETIVO, an experimental and research platform dedicated to documentary.



05. O OTIMISMO DA VONTADE: RELATOS DA RESISTÊNCIA GLOBAL AO NACIONALISMO NEORREACIONÁRIO — FIELD 2018

*OPTIMISM OF THE WILL:
2018 FIELD REPORTS ON THE
GLOBAL RESISTANCE TO
NEOREACTIONARY NATIONALISM*
GREG SHOLETTE

O Dr. Gregory Sholette é um artista, escritor e ativista que reside em Nova Iorque. É o membro fundador do Political Art Documentation/Distribution, do coletivo REPOhistory e do Gulf Labor, um grupo de artistas que defende os direitos dos trabalhadores migrantes responsáveis pela construção dos museus de arte ocidentais em Abu Dhabi. A sua obra explora os temas do trabalho artístico e da resistência política e os seus textos documentam e refletem sobre várias décadas de arte associada ao ativismo. É autor dos livros *Delirium & Resistance: Art Activism & the Crisis of Capitalism* (2017) e *Dark Matter: Art and Politics in an Age of Enterprise Culture* (2011), ambos da Pluto Press, e coeditor (com Chloë Bass) do livro *Art as Social Action* (Skyhorse Publishers, 2018). Sholette contribui, a título ocasional, para a produção da revista *FIELD*. É docente universitário na Queens College, City University of New York e é codiretor do projeto Social Practice Queens.

Dr. Gregory Sholette is a New York-based artist, writer and activist. He is a founding member of Political Art Documentation/Distribution, REPOhistory collective, and Gulf Labor, an artists' group advocating for migrant workers' rights constructing Western branded art museums in Abu Dhabi. His individual art explores issues of artistic labor and political resistance, and his critical writings document and reflects upon several decades of activist art. He is author of the books *Delirium & Resistance: Art Activism & the Crisis of Capitalism* (2017); *Dark Matter: Art and Politics in an Age of Enterprise Culture* (2011) both Pluto Press, and co-editor with Chloë Bass of *Art as Social Action* (Skyhorse Publishers, 2018). An occasional contributor to *FIELD* journal, he teaches at Queens College, City University of New York, and co-directs the project Social Practice Queens.

Dez anos após a recessão e 14 anos após o *bon mot* de Ray ("um outro mundo [artístico]"), o discurso contra o comércio livre e as fronteiras abertas é dominado por um crescente ressentimento reacionário, tendo o ciberespaço energizado um mundo de matéria negra composto por neofascistas. Assim, o *Brexit* e a vitória de Trump não constituem grandes surpresas, tal como foi mencionado por Nikal Saval (*The Guardian*): "milhões de pessoas rejeitaram a lógica punitiva de que a globalização não pode ser travada".⁴ Uma posição defendida também pelo falecido marxista egípcio Samir Amin, assim que as notícias sobre a vitória do Partido Republicano norte-americano começaram a percorrer o globo.

O poder de Donald Trump insere-se nesta categoria de falsa crítica à globalização liberal. O recurso ao tom "nacionalista" visa apenas reforçar o controlo de Washington sobre os seus aliados (e subordinados), sem lhes conceder a independência que nunca chegaram, sequer, a reivindicar.

Então, como devemos nós encarar o atual momento, esta "realidade" surreal e inquietante? Em primeiro lugar, é necessário compreendê-la ao mais ínfimo detalhe. Assim, seria insensato esquecer a afirmação de Antonio Gramsci sobre o otimismo da vontade, uma expressão que cunhou enquanto prisioneiro do regime fascista e que deu voz a um movimento de resistência que viria a inspirar milhões de pessoas na sua luta pela justiça social e contra a repressão. As adversidades do presente não são diferentes das de outrora. A boa notícia é a existência de forças de oposição de Esquerda a nível mundial, que se manifestam frequentemente na esfera cultural e se calibram dialeticamente à luz do aparecimento dos movimentos populistas e reacionários.

De forma a aferir estas iniciativas de resistência, serão apresentadas algumas iniciativas locais e regionais de oposição cultural que visam combater os movimentos extremistas e reacionários. Nos relatos, é possível identificar cinco temas ou tendências principais, relacionados entre si. Talvez o mais importante seja a luta contra a censura e contra as medidas impostas por estados e líderes políticos autoritários, com vista à repressão dos direitos dos imigrantes, dos trabalhadores, da comunidade LGBTQ, das mulheres e das minorias — sendo este o tema central dos relatos sobre o Bangladesh, a Turquia, a China, a Sérvia, a Polónia, o Brasil, a Colômbia, a comunidade indígena do Canadá e Gaza. Segue-se o processo de auto-organização entre agentes culturais com consciência política (que Marco Baravalle denomina de [alter] institucionalidade), segundo o qual micro-organizações promovem modelos funcionais de "outro mundo (artístico)" — com mais reservas relativamente ao uso da Internet, contrariamente ao que sucedeu durante os movimentos de Seattle e Occupy. Esta tendência é exemplificada nos relatos vindos de Itália, Índia, Rússia, Suécia, Alemanha, França, Espanha (Barcelona), Porto Rico e, novamente, Gaza. Devo aqui salientar o relato sobre a Palestina, que aborda na perfeição ambos os temas.

Para além dos temas mencionados acima, os relatos focam-se na luta contra as alterações climáticas, a gentrificação, a precariedade, os legados coloniais e o privilégio branco (*white privilege*), alguns dos estandartes da Direita populista. Esta edição inclui testemunhos com uma perspetiva transglobal que visa examinar as políticas ambíguas das redes sociais e do ativismo via Twitter do Black Lives Matter (Chloë Bass) ou a precariedade da academia nos países do Sul da Europa (Carlos Garrido Castellano). Existe também outro tema comum à maioria das peças: a noção de que o papel social e político da arte se tornou complexo e, em certos casos, chegou mesmo a ser posto em causa. Esta lógica levou Kim Charnley e outros autores a questionar o motivo que levou "as práticas sociais a crescerem em períodos marcados pela influência do neoliberalismo, mesmo quando a proteção e a solidariedade sociais caíram por terra". Tal como eu, Charnley conclui que apenas podemos aceder ao mundo em que vivemos se nele reconhecermos as suas contradições. Mesmo que lutemos para mudar esta realidade. Assim, é possível encontrar nos relatos uma espécie de crítica dupla, pois tanto o mercado global da arte e a economia "criativa" (bem como outras práticas artísticas de intervenção social) são alvos de uma profunda análise crítica.

Antes de fazer um breve resumo dos relatos incluídos nesta edição da *FIELD**, gostaria de lembrar a citação de Rosa Luxemburgo sobre a persistente materialidade histórica da luta e da resistência: "E embora não possamos saltar por cima do desenvolvimento histórico, assim como um homem não pode saltar por cima da própria sombra, podemos no entanto acelerá-lo ou retardá-lo".

Now, ten years after the "great recession, and fourteen years after Ray's "Another (Art) World" *bon mot*, a vociferous form of reactionary resentment increasingly dominates the discourse against free-trade and open-borders, and the world of cyberspace has energized a very dark matter world of neo-fascists. From this perspective, Brexit and Trump should come as no surprise, for as *The Guardian*'s Nikal Saval summarizes, "millions have rejected, with uncertain results, the punishing logic that globalisation could not be stopped."⁴ Or as the late Egyptian Marxist Samir Amin stated immediately after news of the U.S. Republican victory ricocheted around the globe,

The power of Donald Trump falls into this category of false criticism of liberal globalization. The "nationalist" tone aims to strengthen Washington's control of its subordinate allies, not to grant them an independence that they do not even claim.

What to make of this moment and its surreal, uncanny reality or un-presentness? For one thing we need to understand it in as much detail as possible. But we would also be ill-advised if we forgot Antonio Gramsci's legendary statement regarding optimism of the will, a phrase he famously penned while interned within a fascist prison cell just under a century ago as global repression gave voice to a sublime resistance that went on to inspire millions in search of social justice. Our moment of tribulation is no different. The good news is that a vibrant Left global resistance exists, frequently manifest within the cultural sphere, and dialectically recalibrating itself in light of the rise of the populist Right and other reactionary forces.

In order to gauge that struggle this essay reports on local and regional conditions of progressive cultural opposition at a time of extreme reactionary retrenchment. Five interrelated themes or tendencies stand out in these reports. Perhaps most prominent is the fight against censorship and attempts by authoritarian states and politicians to repress the rights of immigrants, working people, LGBTQ, women and minorities, this is clear in reports from Bangladesh, Turkey, China, Serbia, Poland, Brazil, Colombia, Mexico, Indigenous Canada and Gaza especially. Secondly, we find an ongoing process of self-organization amongst politically-minded cultural workers, or what Marco Baravalle terms alter-institutionality in which micro-organizations continue to generate working models of "another art world," though with more caution regarding the Internet than the days of either Seattle or Occupy. This tendency is exemplified in reports from Italy, India, Russia, Sweden, Germany, France, Spain (Barcelona), Puerto Rico and again Gaza, which lean towards the alter-institutional tendency, though none of these divide up so neatly as the report from Palestine, which intersects both trends, shows.

Along with these two distinct threads our global core sample is punctuated with reports on local struggles against climate change, gentrification, precariousness, colonial legacies and the white male privilege assumed by the populist Right. There are also a handful of accounts that take up a trans-global viewpoint in order to examine the ambiguous politics of social networks and Twitter activism of Black Lives Matter (Chloë Bass) or the precariousness of academia in Southern Europe (Carlos Garrido Castellano). But one other significant theme is revealed in this global overview; a growing awareness that the very conditions of art's social and political engagement in the world have become complicated and at times compromised, forcing more than one author to ask, as Kim Charnley does, why is it that "social practice is a category that has thrived under neoliberalism, even as the infrastructure of social protection and social solidarity has been dismantled". Like me Charnley concludes we can only access the world we live in by recognizing contradiction, even as we struggle to change it. Therefore, we find a dual-critique running throughout many of the *FIELD* reports whereby both the global art market and the "creative" economy, but also certain forms of socially engaged art practice come under critical scrutiny.

Before I offer my own brief synopsis of these global *FIELD** reports, permit me to cite Rosa Luxemburg on the stubborn historical materiality of struggle and resistance: "Although we can no more jump over the stages of historical development than a man can jump over his shadow, nevertheless, we can accelerate or retard that development".

Vivemos num tempo desprovido de imaginação e de pensamento metafórico. Um tempo de mercadorização do próprio tempo, plasmada nas redes sociais, mas transversal a toda a sociedade, desde as nossas relações pessoais ao entendimento do trabalho.

Esta é a perspetiva de André Barata, filósofo, investigador e professor na Universidade da Beira Interior, com quem o *Post Millennium* conversou a propósito do livro *E se Parássemos de Sobreviver? Pequeno livro para pensar e agir contra a ditadura do tempo* (Documenta, 2018). Mas é possível apontar alternativas à catástrofe anunciada e acelerada pelas alterações climáticas nas quais estamos já imersos, começando pela desvinculação do trabalho da obtenção de um rendimento e a reconfiguração das redes sociais enquanto espaço público.

E em tudo isto, acredita André Barata, o design tem um papel emancipatório, indissociável de uma nova ecologia do tempo e do espaço e propiciador das relações humanas.

We live in a time devoid of imagination and ability for metaphorical thinking. A time when time itself is commodified, a phenomenon unequivocally evident in social networks and cutting across all structures of society, spanning from personal relationships to our views on labour.

Behind this line of critical thought is André Barata, philosopher, researcher and lecturer at the University of Beira Interior (Portugal), to whom *Post Millennium* spoke, following the release of his latest book, titled *What if We Stopped Surviving? A small book to think and act against the dictatorship of time*. However, it's possible to devise alternatives to the impending catastrophe accelerated by the systemic climate crisis we are already living in, starting from the decoupling of work and the earning of an income, to the reconfiguration of social networks as public spaces.

André Barata believes in these possibilities, where design plays a major emancipatory role, inextricable from a new ecology of time and space and the reinforcement of human relations.

FUTURES
FORESIGHT
RESISTANCE
PROPAGANDA
POST-TRUTH
DESIRE
STRUGGLE
RESEARCH
CITIZENSHIP
INCLUSION
IMAGINATION
WORK
FRONTIERS
DIGITAL
LEISURE
MILLENNIALS
NETWORKS
ECOLOGY
COEXISTENCE
CONFLICT
SUSTAINABILITY
ANXIETY
SURVIVAL
OPTIMISM
PARTICIPATION
CRITICAL THINKING
FUTURES
GENTRIFICATION
UTOPIA

